

Epigrama



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor MARCELO KNOBEL
Coordenadora Geral da Universidade TERESA DIB ZAMBON ATVARS



Conselho Editorial

Presidente MÁRCIA ABREU
EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO
MAÍRA ROCHA MACHADO – MARIA INÊS PETRUCCI ROSA
OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA
RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI



Reitor RICARDO MARCELO FONSECA
Pró-Reitora GRACIELA INÊS BOLZÓN DE MUNIZ
Pró-Reitor de Extensão e Cultura LEANDRO FRANKLIN GORSDORF



Diretor da Editora RODRIGO TADEU GONÇALVES
Vice-Diretor da Editora UFPR HERTZ WENDEL DE CAMARGO

Conselho Editorial

ADRIANO NERVO CODATO – ALLAN VALENZA DA SILVEIRA
ALZIR FELIPPE BUFFARA ANTUNES – CLAUDIO JOSE BARROS DE CARVALHO
DIOMAR AUGUSTO DE QUADROS – ELEUSIS RONCONI DE NAZARENO
FABIO MEURER – FABRICIO SCHWANZ DA SILVA – MARGARETE CASAGRANDE LASS ERBE
PATRICIA LEEN KOSAKO – SÉRGIO LUIZ MEISTER BERLEZE

Coleção Bibliotheca Latina

Comissão Editorial

COORDENADORES
MATHEUS TREVIZAM E PAULO SÉRGIO DE VASCONCELLOS

ISABELLA TARDIN CARDOSO – MARCOS MARTINHO DOS SANTOS
MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – PEDRO PAULO ABREU FUNARI
RODRIGO TADEU GONÇALVES

Robson Tadeu Cesila

Epigrama
Catulo e Marcial

EDITOR A
UNICAMP



Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

C337e Cesila, Robson Tadeu
 Epigrama: Catulo e Marcial / Robson Tadeu Cesila. – Campinas, SP: Editora da Unicamp; Curitiba, PR: Editora da Universidade Federal do Paraná, 2017.

(Coleção Bibliotheca Latina)

1. Catulo, Caio Valerio. 2. Marcial. 3. Epigramas. 4. Poesia latina.
5. Tradução. I. Título.

| | |
|---|-----------|
| | CDD - 870 |
| ISBN 978-85-268-1390-8 (Editora da Unicamp) | - 871 |
| ISBN 978-85-8480-122-0 (Editora UFPR) | - 418.08 |

Copyright © by Robson Tadeu Cesila
Copyright © 2017 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br
vendas@editora.unicamp.br

Editora Universidade Federal do Paraná
Rua João Negrão, 280 – 2º andar
CEP: 80010-200 – Curitiba – PR – Brasil
Tel.: (41) 3360-7487 – Fax: (41) 3360-7486
www.editora.ufpr.br
E-mail: editora@ufpr.br

Para a minha amada Ju.
Para a nossa pequenina Alice.
E para meus queridos pais, Tite e Glória.

*[...] cenae fercula nostrae
malim conuiuis quam placuisse cocis.*

[...] os pratos do meu jantar, quero que tenham agradado
aos convidados mais que aos cozinheiros.

Marcial, *Ep.* IX.81.3-4

Sumário

| | |
|--|----|
| Apresentação | 13 |
| Capítulo 1 – Epigrama: Origens e definição..... | 17 |
| 1.1 <i>Origens e primeiros desenvolvimentos do gênero</i> | 17 |
| 1.2 <i>Definição de epigrama</i> | 21 |
| 1.3 <i>Características do epigrama</i> | 24 |
| 1.3.1 A brevidade e a concisão..... | 24 |
| 1.3.2. O metro predominante – dístico elegíaco – e a diversidade métrica..... | 29 |
| 1.3.3 A variedade temática..... | 35 |
| Capítulo 2 – Principais autores do epigrama antigo..... | 41 |
| 2.1 <i>A tradição epigramática grega</i> | 41 |
| 2.2 <i>A tradição epigramática latina</i> | 47 |
| Capítulo 3 – Catulo..... | 57 |
| 3.1 <i>Vida e ambiente literário</i> | 57 |
| 3.2 O Livro de Catulo: <i>Texto e estrutura</i> | 60 |
| 3.3 <i>O gênero epigrama n’O Livro de Catulo</i> | 62 |

| | |
|--|-----|
| 3.4 <i>Breve descrição da primeira e da terceira seções</i> d'O Livro de Catulo..... | 66 |
| 3.5 <i>Os metros de Catulo</i> | 73 |
| Capítulo 4 – Marcial | 77 |
| 4.1 <i>Vida do autor</i> | 77 |
| 4.2 <i>A obra, ou Marcial livro a livro</i> | 86 |
| 4.2.1 <i>Visão geral</i> | 86 |
| 4.2.2 <i>O Livro dos Espetáculos</i> | 90 |
| 4.2.3 <i>Xenia e Apophoreta</i> | 95 |
| 4.2.4 <i>Os livros de epigramas de temas diversos (I a XII)</i> | 106 |
| LIVRO I | 107 |
| LIVRO II | 111 |
| LIVRO III | 114 |
| LIVRO IV | 121 |
| LIVRO V..... | 125 |
| LIVRO VI | 129 |
| LIVRO VII..... | 132 |
| LIVRO VIII..... | 136 |
| LIVRO IX | 141 |
| LIVRO X..... | 146 |
| LIVRO XI..... | 155 |
| LIVRO XII | 167 |
| 4.2.5 <i>Resumo dos temas de Marcial</i> | 179 |
| 4.3 <i>Língua, estilo e métrica</i> | 187 |
| 4.3.1 <i>Os metros de Marcial</i> | 187 |
| 4.3.2 <i>A divisão do epigrama em duas partes e o</i> <i>fulmen in clausula</i> | 195 |

| | |
|--|-----|
| 4.3.3 O interlocutor “cúmplice”..... | 198 |
| 4.3.4 Interlocução, polifonia e dramatização..... | 201 |
| 4.3.5 O livro como personagem..... | 207 |
| 4.3.6 O humor e a expressividade dos nomes próprios..... | 212 |
| 4.3.7 Repetição, acumulação, amplificação..... | 217 |
| 4.3.8 O suspense, a surpresa, o inesperado..... | 224 |
| 4.3.9 Outros mecanismos de geração de humor e agudeza..... | 230 |
| 5 – Conclusão..... | 277 |
| 6 – Marcial em números..... | 281 |
| 7 – Breve bibliografia crítica comentada..... | 291 |
| 7.1 <i>Catulo</i> | 291 |
| 7.2 <i>Marcial</i> | 298 |
| 8 – Pequena Antologia..... | 313 |
| 8.1 <i>Catulo</i> | 314 |
| 8.2 <i>Marcial</i> | 322 |
| Referências bibliográficas..... | 377 |

Apresentação

O tema deste volume da Coleção Bibliotheca Latina é o epigrama, gênero de longa trajetória nas letras ocidentais, cujas origens, gregas, remontam ao menos ao século VIII a.C. Seus contornos, na Antiguidade, são pouco nítidos, uma vez que, em sua evolução através dos tempos, acabou por compartilhar temas e características formais com outros gêneros, tais como a elegia, a poesia iâmbica, a lírica monódica e a sátira, para citarmos apenas os mais importantes. Consequentemente, a definição do gênero “epigrama” na Antiguidade é mais complexa do que faz supor a límpida definição moderna do termo, que, influenciada pelo subtipo predominante na obra de Marcial, contempla basicamente o epigrama satírico.

É dessa problemática, a definição e a delimitação do gênero, que trataremos no capítulo 1. Em seguida, no capítulo 2, elencaremos os principais representantes da tradição epigramática grega e os da tradição latina anteriores ou contemporâneos de Catulo (c. 84-c. 54 a.C.) e Marcial (38-41 d.C.-102-104).

Depois, passaremos a apresentar as obras desses dois autores, que são os protagonistas do presente estudo e servem também como limites temporais para o panorama sobre o epigrama latino aqui apresentado. O capítulo 3 será dedicado a

Catulo, importante inovador da poesia latina e nome de destaque dentro do grupo que ficou conhecido como *poetae noui* (“poetas novos”). Quase todos os poemas breves de Catulo poderiam ser considerados epigramas, e assim o entendeu Marcial, que o toma por modelo no gênero.

A Marcial será consagrado o capítulo 4, o mais extenso deste livro, proporcional ao tamanho de sua obra epigramática, que não só é numericamente extensa (mais de 1.550 epigramas) como também apresenta a dimensão poética de um autor que aperfeiçoou as técnicas do epigrama, praticou todos os seus subtipos, navegou por todas as suas vertentes temáticas e esgotou todas as possibilidades estéticas do gênero. Trata-se sem dúvida do maior epigramatista individual da Antiguidade greco-romana, chegando mesmo a influenciar a definição moderna do gênero. Entre as subseções desse capítulo, há uma que contém a sinopse de cada um dos 15 livros do autor. No capítulo 6 há um conjunto de tabelas que apresentam de forma mais didática algumas estatísticas e dados referidos no capítulo 4.

Completam o livro, como é praxe nos volumes da série Bibliotheca Latina, uma “Breve bibliografia crítica comentada” e uma “Pequena Antologia” de epigramas dos dois autores, com tradução poética de nossa autoria e abundantes notas de compreensão. Na seleção dos poemas pesaram, evidentemente, nosso próprio gosto e nossa avaliação estética, mas subordinados ao critério da diversidade, em todos os seus aspectos (metro, tema, extensão, finalidade etc.): nossa intenção foi fornecer ao leitor uma amostra a mais completa e diversificada possível da obra dos dois poetas. Nela não faltarão peças famosíssimas entre leitores de variadas épocas e certamente já familiares ao público luso-brasileiro da série Bibliotheca Latina, uma vez que presentes com frequência nas aulas de Latim e de Literatura

Latina de nossas universidades: poemas de Catulo como o 3 (sobre a morte do pássaro de Lésbia), o 5 (“vivamos, minha Lésbia, e amemos”), o 16 (*Pedicabo ego uos et irrumabo*) e o 85 (*Odi et amo*); ou, de Marcial, o X.47 (sobre a vida feliz), o I.47 (contra o “médico” Diaulo), o III.8 (contra a Taís caolha), os metapoemas I.4 e I.35 etc. Mas também haverá outros, menos conhecidos, que julgamos representativos da poética desses autores. No seu todo, a “Pequena Antologia” conta com 42 epigramas, 12 de Catulo e 30 de Marcial.

Informamos que, quando nos referimos à obra de Marcial ou a reproduzimos no decorrer deste volume, adotamos sempre o texto e a numeração dos epigramas da edição de D. R. Shackleton Bailey para a Coleção Loeb (1993). Para Catulo, utilizamos os de G. Lafaye para a Collection des Universités de France/Budé, da editora Les Belles Lettes (1984). As exceções a essa regra serão informadas. Mais detalhes sobre essas duas edições-base podem ser encontrados na “Breve bibliografia crítica comentada”.

Na citação de poetas antigos, números romanos indicam o livro, seguidos de números arábicos na indicação dos poemas e dos versos (II.65.2, por exemplo, indica o verso 2 do poema 65 do Livro II de Marcial). Para remetermos o leitor a algum capítulo, item ou subitem do presente volume, utilizaremos a numeração tal como se encontra no Sumário, adotando o negrito para que não haja confusão com a indicação dos poemas: **3.2**, por exemplo, deverá ser entendido como o item 3.2 do livro, e não o poema III.2.

Informamos também que todas as traduções de autores antigos e modernos no decorrer do trabalho são de nossa autoria, incluindo, evidentemente, os vários epigramas ou versos isolados de Catulo e Marcial que aparecem nas análises e que não

constam na antologia final. As exceções a essa regra serão, como é praxe, informadas em nota.

Por fim, agradecemos a nossos colegas docentes Paulo Sérgio de Vasconcellos (Unicamp) e Matheus Trevisan (UFMG), organizadores da série Bibliotheca Latina, pelo convite que nos foi feito para escrever o presente volume.

Esperamos que ele possa atender aos objetivos da Coleção, auxiliando os alunos de graduação e de pós-graduação e os estudiosos e interessados em geral a conhecerem o gênero epigrama e, sobretudo, a poesia de seu maior cultor na Antiguidade, Marcial.

Epigrama: Origens e definição

1.1 Origens e primeiros desenvolvimentos do gênero

Para as origens do epigrama, a exemplo de tantos outros gêneros de poesia ou de prosa, temos de remontar à Grécia, mais precisamente ao seu período arcaico (séculos VIII-VI a.C.). Ali, o termo ἐπίγραμμα (que se translitera *epígramma* e que em Roma foi mais tarde latinizado como *epigramma*, com a tônica deslocada para a penúltima sílaba) significava simplesmente “inscrição”, indicando o resultado da ação do verbo ἐπιγράφειν (*epigráphein*), que é “escrever em cima de”, “inscrever”, “gravar/fazer uma inscrição”. Com efeito, em ἐπίγραμμα (*epígramma*), o prefixo ἐπί (*epí*) significa “em cima de”, “sobre”; o substantivo γράμμα (*grámma*), “letra”, “escrito”: *epígramma* é, pois, o que é escrito em cima de algo, inscrito sobre algo, inscrição. Nesse sentido, o termo é correlato e cognato; mais que isso, é sinônimo de “epígrafê”, do grego ἐπιγραφή (*epigraphé*), derivado do mesmo verbo.

Embora se referisse a quaisquer inscrições, o termo grego para “epigrama” dizia respeito, sobretudo, às breves inscrições, em pedra ou metal, gravadas (ou pintadas) em túmulos, está-

tuas, monumentos ou objetos votivos, podendo ou não ser em versos. Seu objetivo era muito prático, com fins de celebração, comemoração, informação, dedicatória, memória, homenagem. Assim, tais “epigramas”, no caso das lápides tumulares, podiam indicar o indivíduo sepultado, seu local de nascimento, seus feitos em vida e suas qualidades físicas ou morais; no caso dos monumentos, o evento ou o fato celebrado e a pessoa que o empreendera, o artista que construía o monumento ou a pessoa que o encomendara; em se tratando de objetos votivos (troféus, ex-votos), podiam informar o ofertante, o motivo da oferta e a pessoa ou divindade a que se ofertava; se estátua ou outra obra de arte, o que era ou quem representava, quem a fizera ou mandara fazer.

Assim, os primeiros epigramas eram indissociáveis de seu suporte material e, por seu caráter pragmático, tinham um estilo um tanto impessoal e uma linguagem mais objetiva, sem maiores pretensões poéticas, mesmo quando compostos em verso. Antes do século VI a.C., sequer possuíam uma autoria declarada, o que também se deve à finalidade prática e ao caráter convencional desse tipo de produção. Além disso, a exiguidade de espaço no suporte físico (lápide de túmulo, pedestal de estátua, pequenas superfícies dos objetos votivos etc.) conferia a essas inscrições sua característica de brevidade e concisão que será a principal marca do gênero até os dias atuais (ver adiante itens 1.2 e 1.3.1). O metro – para os que eram compostos em versos – parece ter sido inicialmente o hexâmetro (é nele que foram compostos os mais antigos exemplares de epigramas conhecidos, do século VIII a.C.), mas já no século seguinte há epigramas em dísticos elegíacos que, a partir do final do século VI a.C., se tornarão o metro predominantemente típico desse tipo de poesia, ainda que hexâmetros e outros esquemas métri-

cos nunca tenham deixado de ser usados¹ (para mais detalhes sobre esses metros, ver à frente 1.3.2).

Com as guerras Médicas (499-479 a.C.), entre gregos e persas, já no início do período clássico (século V a fins de IV a.C.), as inscrições epigramáticas tornaram-se mais numerosas em razão das homenagens prestadas nos túmulos dos soldados mortos nos combates e nos troféus ofertados aos guerreiros vencedores.² Ainda vinculados a essa função prática, os epigramas dessa época, porém, já começam a apresentar, ainda que apenas embrionariamente, certos elementos literários que se desenvolverão nos séculos seguintes. Talvez por isso mesmo date dessa época o primeiro epigrama de que se conhece com certeza o nome do autor: Íon de Samos, que compôs por volta da segunda metade do século IV a.C. os versos inscritos na estátua consagrada por Lisandro quando da tomada de Atenas.³

Foi no período helenístico (fins do século IV a.C. a fins de I a.C.), entretanto, que o epigrama, embora mantendo a brevidade como a sua principal característica, libertou-se de sua finalidade prática e de sua estreita vinculação a um suporte material.⁴ Passou, então, a abarcar uma gama maior de temas, de forma que vieram se somar, aos mais tradicionais epigramas votivos e sepulcrais, aqueles de temática convivial, erótica, satírico-jocosa, os filosófico-exortativos, os destinados à felicitação de amigos e patronos por um aniversário, casamento, restabelecimento da saúde, retorno de uma viagem, os que descreviam objetos (como obras de arte) etc.⁵ O epigrama se torna, então, verdadeiro gênero poético, tendo sido cultivado por quase todos os grandes poetas da época.⁶ É importante ressaltar, porém, que o epigrama-inscrição, aquele feito para ser inscrito e ligado a um suporte material, não desapareceu e continuou a ser largamente produzido. E que mesmo a produção independente

de tais suportes e já circulando como literatura propriamente dita em recitações e livros de papiro ou pergaminho incluía muitos epigramas fúnebres ou votivos fictícios, ou seja, feitos à maneira do epigrama-inscrição, mas não mais para serem efetivamente gravados em qualquer superfície de pedra ou metal.⁷

É também na época helenística que se difunde a prática de se produzirem antologias de epigramas, embora esse hábito possa ser mesmo anterior. Normalmente, tais antologias eram chamadas, por seus compiladores, *στέφανος* (*stéphanos*), “guirlanda/coroa de flores”, as “flores” sendo os epigramas antologizados.⁸ Assim, por volta de 100 a.C., o poeta Meléagro, natural de Gádara, cidade da Judeia helenizada, a leste do Mar da Galileia, publica a sua *Guirlanda*, composta por centenas de epigramas de algumas dezenas de poetas. Não possuímos o texto exato dessa antologia tal como publicado à sua época, mas pode-se ter uma ideia dele a partir de informações colhidas na *Antologia Grega* (ver à frente 2.1), que preserva não só os epigramas compilados por Meléagro, mas também o poema prefacial em que este último elenca os poetas que antologizou. Pode-se depreender que Meléagro adotou como critérios para a sua coleção a brevidade e o metro elegíaco (a esmagadora maioria dos epigramas de sua *Guirlanda* tem essas características), com o que contribuiu para a consolidação e a afirmação definitiva desses dois traços como próprios do gênero epigramático. É verdade que tais características eram predominantes desde a origem do gênero, mas como também sempre houve considerável produção de epigramas de maior extensão e em outros metros, inclusive na época helenística, a quase exclusão destes últimos de uma antologia importante e extensa como a *Guirlanda* de Meléagro certamente confirmou aqueles dois traços como essenciais, ao mesmo tempo em que, se não excluía da